

Clarice Lispector e o simbolismo da montanha: retrato de um ser entre dois mundos

*por Santo Gabriel Vaccaro y Cristina dos Santos Padilha
(Universidade Federal de Santa Catarina)*

RESUMO

Clarice Lispector, em seu relato “Onde estivestes de noite”, produz com sua divindade andrógina Ele-ela e com seus seguidores um movimento que aborda a sexualidade a partir de novos paradigmas e configura uma escrita em que o homem é retratado como um ser irremediavelmente cindido entre natureza e cultura, entre desejo e razão. Essa dicotomia se estende a outros personagens clariceanos aqui resgatados, cuja particular caracterização psicológica possibilita uma análise apoiada nos postulados psicanalíticos, a partir do texto Cinco Lições de Psicanálise de Sigmund Freud.

Palavras-chave: Clarice Lispector - “Onde estivestes de noite” - Ele-ela - Psicanálise - Sigmund Freud

RESUMEN

Clarice Lispector, en su relato “Onde estivestes de noite”, produce con su divinidad andrógina El-ella y con sus seguidores un movimiento que aborda la sexualidad a partir de nuevos paradigmas y configura una escritura en que el hombre es retratado como un ser irremediavelmente escindido entre naturaleza y cultura, entre deseo y razón. Esa dicotomía se extiende a otros personajes clariceanos aquí rescatados, cuya particular caracterización psicológica possibilita un análisis basado en los postulados psicoanalíticos, a partir del texto Cinco lecciones de psicoanálisis de Sigmund Freud.

Palabras clave: Clarice Lispector - “Onde estivestes de noite” - Él-Ella - Psicoanálisis - Sigmund Freud

ABSTRACT

In her story “Onde estivestes de noite”, Clarice Lispector produces with her androgynous deity He-she and with her followers a movement that approaches sexuality through new paradigms and shapes a writing in which man is portrayed as being inevitably split between nature and culture, between desire and reason. Such dichotomy reaches other Claricean characters here taken into consideration, whose peculiar psychological rendering enables an analysis based on psychoanalytical principles, following Sigmund Freud’s Five Lectures on Psycho-Analysis.

Key words: Clarice Lispector - “Onde estivestes de noite” - He-She - Psychoanalysis - Sigmund Freud

As divisões dicotômicas entre gêneros, férreas, imperturbáveis, irredutíveis, não configuram deidades na escrita fragmentária, ambígua e, sobretudo, inovadora de Clarice Lispector. Esta escritora, nascida na Ucrânia em 1920 e que aos dois meses de idade já se radicara com sua família em Pernambuco, é considerada a mulher transformadora da cara de uma literatura brasileira que, em geral, repousava em visões regionalistas abrangendo com seus personagens as realidades sociais do país naqueles tempos. Clarice, com sua textualidade existencial, com sua escrita interior, marca a diferença entre tantos outros, é aquela que anuncia o que muitos preferem calar ou não sabem dizer. Neste sentido, o primeiro romance de Clarice Lispector, *Perto do coração selvagem* (1944), chamou a atenção da crítica, segundo Nunes (1995: 11), “pela novidade que a densidade psicológica, a maneira descontínua de narrar e a força poética desse romance representaram no panorama da ficção brasileira, então profundamente marcado pelo documentarismo social da década de trinta”.

Alguns anos depois, em 1955, o escritor Fernando Sabino, se referindo aos contos ainda não publicados e que posteriormente formariam parte do livro *Laços de Família* (1960), escreve a Clarice dizendo que ela fez “oito contos como ninguém nem longinquamente conseguiu fazer no Brasil” e que “está escrevendo como ninguém [...] dizendo o que ninguém ousou dizer” (apud Gotlib 1995: 299).



O jornalista Paulo Francis também menciona essa peculiaridade em Clarice, que a situa numa calçada diversa da transitada pelos escritores nas décadas de cinquenta ou sessenta, momento em que um realismo socialista colidia com o caráter moderno da escritora, o que ocasionava o apreço de alguns setores da sociedade brasileira do momento, mas também o olhar cético de outros. Assim, Francis (apud Gotlib 1995: 310) assinala sobre Clarice que: “Tinha fama, sim, mas entre intelectuais e escritores. Os editores a evitavam, como a praga”.

E assim como Clarice propõe um novo gênero textual, uma escrita fragmentada, imprecisa e incerta que diverge das letras de vários de seus contemporâneos, também propõe um novo tipo de gênero quando delimita a sexualidade de seus personagens. Um gênero que já não é literário e que consegue transpor as restrições do universo varonil, limites que sutilmente já são denunciados na escrita clariceana de juventude. No texto “Eu e Jimmy” (apud Gotlib 1995: 159), conto que não faz parte de suas coletâneas, os extremos costumeiros do masculino-feminino são apreciados com nitidez e profunda crítica:

Desde pequena tinha visto e sentido a predominância das idéias dos homens sobre as mulheres. Mamãe antes de se casar, segundo tia Emilia, era um foguete, uma ruiva tempestuosa, com pensamentos próprios sobre liberdade e igualdade das mulheres. Mas veio papai, muito sério e alto, com pensamentos próprios também sobre... liberdade e igualdade das mulheres. O mal foi a coincidência da matéria. Houve um choque. E hoje mamãe cose e borda e canta ao piano e faz bolinhos aos sábados, tudo pontualmente e com alegria. Tem idéias próprias, mas se resumem numa: a mulher deve sempre seguir o marido, como a parte acessória segue a essencial (a comparação é minha, resultado das aulas do curso de direito).

O deboche e o sarcasmo com que são colocados os papéis masculinos e femininos em “Eu e Jimmy” condenam essa visão opositiva dos sexos e anunciam, com uma escrita terrorista, o desenvolvimento de uma perspectiva de desintegração de extremos, de dissolução de antagonismos, seja pela fusão dos mesmos, seja pela possibilidade de se situar em ambos com relativa facilidade. E é justamente com Ele-ela, personagem principal do conto “Onde estivestes de noite” (do livro de mesmo nome de 1974), onde parece ser alcançado o apogeu de sua escrita na anulação do masculino e do feminino, não como uma inversão do *acessório* e do *principal*, mas como uma fusão, um amálgama das singularidades dos polos. E esta aliança culmina numa nova sexualidade, numa estirpe original, numa divindade de montanha e daqueles humanos/deuses extintos que, condenados em sonhos, pouco sabem das fronteiras e limites do masculino e do feminino:

Ele-ela já estava presente no alto da montanha, e ela estava personalizada no ele e o ele estava personalizado no ela. A mistura andrógina criava um ser tão terrivelmente belo, tão horrorosamente estupefaciente que os participantes não poderiam olhá-lo de uma só vez: assim como uma pessoa vai pouco a pouco se habituando ao escuro e aos poucos enxergando (Lispector 1999: 43).

Tanto com Ele-ela como com outras das suas personagens, Clarice sugere que um simples fato (um sonho, uma vivência na via pública, etc.) pode fazer com que extremos sejam invertidos na mesma pessoa e aquilo que era submissão ou repressão vire liberdade ou gozo, relativizando assim qualquer possibilidade de classificação férrea em matéria de gênero.

E essa relativização dos polos sexuais permite que em “Onde estivestes de noite” se ultrapasse o conhecido e se trace uma fronteira nova, um limite que se apoia na falta de limite e que permite que o homem se aproxime ao ente lascivo Ele-ela, a *sempiterna viúva*, a *grande solitária que fascinava a todos*, personificação do mesmo desejo humano desenfreado, sem barreiras, desmedido e infinito, definitivamente, desejo quase sem traços de humanidade, desejo, quiçá, de deuses que já não existem. “Subiam a montanha misturando homens, mulheres, duendes, gnomos e anões -como deuses extintos” (Lispector 1999: 44), diz a narradora clariceana, deixando entrever que aquele ser humano da dicotomia masculino-feminino está apagado, murcho, seco quando enfrenta a trilha até esse deus desejo, até essa

entidade “que as mercenárias do sexo em festim procuravam imitá-la em vão” (Lispector 1999: 44), até aquela perigosa e misteriosa deidade que não é nem feminina nem masculina porque o desejo é humanamente indefinível na montanha:

Aos poucos enxergavam o Ela-ele e quando o Ele-ela lhes aparecia com uma claridade que emanava dela-dele, eles paralisados pelo que é Belo diriam: “Ah, Ah”. Era uma exclamação que era permitida no silêncio da noite. Olhavam a assustadora beleza e seu perigo. Mas eles haviam vindo exatamente para sofrer o perigo (Lispector 1999: 43-44).

O ser humano busca alcançar na montanha de “Aquele-aquela-sem-nome”, na casa da divindade, naquele espaço onde se torna inferior, o conhecimento da própria sexualidade que sempre lhe é esquivo. Moraes (1994: 69) discorre sobre a possível simbologia da montanha: “Estando perto dos céus, ela é lugar de revelação [...] ou local de orientação”. Mas os sonhadores de “Onde estivestes de noite” sobem, escalam, ascendem sem pensar em revelações ou orientações, parecem ser movidos por outra figura da natureza, pela força de um vulcão. As personagens do conto clariceano são seres vulcânicos, em repouso na vigília e em erupção nos sonhos. Essa é a tensão que os define, esse é o contínuo movimento que os leva até o suposto abismo que mora no topo da montanha.

O ardor interno, o fogo vulcânico incita o sonhador clariceano a liberar as amarras da vigília e o impele a retomar seu papel de expedicionário da montanha, de explorador de seus próprios limites, deixando naquele que deve acordar pela manhã, em seu outro si mesmo, a responsabilidade de portar sem que se note o segredo que cada noite o torna um caminhante, um seguidor da entidade indefinida. Quando a escritora falida, o estudante perfeito, o judeu pobre, a mulher que fala com o leite acordam da grande bacanal noturna, a chama se oculta e as obrigações do dia domingo tomam conta deles. Nesse instante o ser humano se aproxima da outra montanha, a figura que disfarça ou salvaguarda uma enorme flama interior que não sabe das repressões do cotidiano. Na vigília das personagens clariceanas, como no vulcão, “o fogo aparece abrigado pela montanha, protegido, na garantia de não ser jamais apagado” (Moraes 1994: 69) e de não ser jamais descoberto. “A montanha era de origem vulcânica”, alerta a narradora clariceana. A montanha que nos sonhos é espaço de prazer, na vigília é a proteção, a fantasia que envolve os desejos e os protege da vergonha de serem descobertos. Esse mesmo pudor que, como na visão da velinha Cândida Raposo, outra singular personagem, percebe a sexualidade como essa “falta de vergonha”, aquilo que deve ser escondido, solapado, oculto. Mas em “Onde estivestes de noite” não só o caráter andrógino da divindade ultrapassa as fronteiras do desejo sem sentir remorso algum. A vergonha não existe em nenhum caminhante, pois o almejado se liberta em um atuar extremo onde cada resquício de razão é sepultado pelos instintos sexuais dos personagens, fazendo dos grupos de expedicionários da montanha grandes objetos amorfos de carne e desejo em uma exagerada orgia: “Estavam todos soltos [...] Eles eram o harém do Ele-ela. Tinham caído finalmente no impossível” (Lispector 1999: 49).

E para Ele-ela a sexualidade humana também é uma absoluta “falta de vergonha”, mas num sentido permissivo. Não é algo embaraçoso que deve ser escondido ou solapado, mas um ato sagrado que deve ser exibido e mostrado a seus fiéis. É a falta de vergonha a que permite alcançar o prazer máximo, é a ausência de qualquer pudor que converte Ele-ela num verdadeiro deus do desejo. Assim, neste conto a sexualidade clariceana repousa num patamar proibitivo da vigília, mas também na permissão sem recatos do sonho da montanha. Essa dupla leitura rompe outro eixo dicotômico neste relato, a vergonha-decência, que nada significa para quem acude ao chamado do deus, para quem quer abraçar a grande viúva solitária e “amá-la de um amor estranho que vibra em morte” (Lispector 1999: 44). A morte daqueles que na vigília estão distantes dos seus outros si mesmos amaldiçoados caminhantes, o óbito de um erotismo limitado a convenções e normas, condenado a vergonhas e preconceitos.

O simbolismo do Ele-ela permite conjecturar que a escrita clariceana tenha criado um ícone do desejo, esse ser andrógino que submete os valores humanos à animalidade. Bestializado, o homem perde a noção de tempo, se rejubila no ódio, se entrega à ambição por poder e por fama, vai à montanha para sofrer o perigo associado à beleza do Ele-ela, goza

mortalmente. Tal apelo à animalidade do homem é evidenciado em algumas passagens do texto: “Os homens coleavam no chão como grossos e moles vermes [...]” (Lispector 1999: 44), “Cheios de terror de uma feroz alegria eles se abaixavam e às gargalhadas comiam ervas daninhas do chão [...]” (Lispector 1999: 48), “De vez em quando ouvia-se um longo relincho e não se via cavalo nenhum” (Lispector 1999: 51). Acerca do conflito natureza versus cultura na escrita de Lispector, Nunes (1995: 131) afirma que a natureza é sempre mais forte, consentindo e tolerando o mundo humano e podendo, de um momento para outro, subvertê-lo. Nossa humanização é uma contingência permitida, sempre mal implantada na superfície, apenas uma fímbria de uma realidade indomesticável.

E esse conflito que se personaliza na figura do enigmático Ele-ela, é também o conflito de todo homem civilizado concebido pelos aportes da teoria psicanalítica. Da mesma forma que no texto de Clarice os homens se dividem entre o mundo bestializado da montanha e o mundo civilizado da vigília, na psicanálise o homem é retratado como um ser cindido por violentos desejos e por aspirações morais e estéticas de uma sociedade hostil à expressão da sexualidade. Freud funda assim a figura do neurótico¹, ícone da civilização moderna que carrega consigo a marca da ferida narcísica surgida com a descoberta do inconsciente e com o prelúdio da impossibilidade de controlar a si mesmo. Esse legado evidencia que existe no homem uma dimensão que ele desconhece e que se impõe a ele através dos atos falhos, dos lapsos, dos sonhos, encontrando brechas na contenção das forças repressoras, traindo sua razão e sua lógica.

Clarice parece ter assimilado os legados da teoria freudiana, evidenciados na figura dos peregrinos que realizam uma viagem fora do tempo, podendo tal peregrinação à montanha ser equiparada com as incursões oníricas que os homens realizam ao atemporal inconsciente: “Que horas seria? ninguém podia viver no tempo, o tempo era indireto e por sua própria natureza sempre inalcançável” (Lispector 1999: 45).

Na montanha essas bestiais criaturas se deparavam com seus violentos desejos, e se sentiam salvos do “Grande Tédio” da realidade castradora, sentiam a si próprios, à sua verdadeira natureza, e “não havia repressão: livres!” (Lispector 1999: 45). Mas se achavam, ao mesmo tempo, assustados: o Ele-ela pensava por eles, os dispunha segundo sua soberana vontade, eles eram seu harém.

E esta visão do embate entre o desejo e a razão é retomada em outra passagem do texto, em que o narrador manifesta sua perplexidade diante da contradição do nome da valsa de Strauss que Jubileu de Almeida, o judeu pobre, tanto sonhava em escutar novamente: “O pensador livre”. Tal figura revela assim o paradoxo entre o pensar e o libertar-se, a concepção de um sujeito da razão inevitavelmente condenado à prisão de suas ideias, que somente se livraria de suas amarras no mundo da criação artística.

Clarice transparece em “Onde estivestes de noite” essa visão do homem cindido entre o desejo e a razão, entre o mundo sonhado da montanha e o mundo tedioso da vigília. Neste, ao acordarem os homens se sentiam “um pouco cansados, satisfeitos pela noite tão profunda de sono” (Lispector 1999: 53) e o que existia era o silêncio. Eles não se lembravam de nada, parecia que tudo tinha se esvanecido, deixando-se entrever que as forças repressoras ausentes na peregrinação retomavam sua função para permitir que o conteúdo sonhado chegasse à consciência apenas disfarçado, como a jornalista que acordava extasiada e compartilhava com a amiga sua fabulosa inspiração: iria escrever um livro sobre Magia Negra.

E estes singulares traços dos seres do mundo onírico de “Onde estivestes de noite”, esta libertação para espaços sem fronteiras, esta anulação dos papéis outorgados com força de lei pela sociedade são comuns em vários outros personagens clariceanos.

Assim, o onírico é revelador e libertador na curiosa protagonista de “Miss Algrave”, uma secretária estrábica, ruiva e virgem que tinha nojo de sexo e tomava banho vestida para não ver seu corpo nu:

¹ Segundo Laplanche e Pontalis (2001: 236) a neurose é caracterizada por uma afecção psicogênica cujos sintomas são a expressão simbólica de um conflito psíquico com raízes na história infantil do sujeito e guardam relação entre o desejo e a defesa.

A falta de vergonha estava no ar. Até já vira um cachorro com uma cadela. Ficou impressionada. Mas se assim Deus queria, que então assim fosse. Mas ninguém a tocara jamais, pensou. Ficava curtindo a solidão. Até as crianças eram imorais. Evitava-as. E lamentava muito ter nascido da incontinência de seu pai e de sua mãe (Lispector 1998b: 15-16).

Mas Ruth Algrave é transformada ou liberada pela intervenção de Ixtlan, entidade luxuriosa que a visita em um sonho e a torna uma nova mulher que surge após a revelação noturna:

Na segunda-feira de manhã resolveu-se: não ia mais trabalhar como datilógrafa, tinha outros dons. Mr. Clairson que se danasse. Ia era ficar mesmo nas ruas e levar homens para o quarto. Como era boa de cama, pagar-lhe-iam muito bem. [...] compraria o vestido vermelho decotado e depois iria ao escritório chegando de propósito, pela primeira vez na vida, bem atrasada. E falaria assim com o chefe:- Chega de datilografia! Você não me venha com uma de sono! Quer saber de uma coisa? Deite-se comigo na cama, seu desgraçado! (Lispector 1998b: 20).

Mas o caráter radical com que aparece uma nova sexualidade, livre das ataduras e preconceitos sociais, não é exclusividade de Ruth Algrave. Também em “A partida do trem”, a Ângela Praline da vigília, a profissional, é posicionada como uma espécie de verso da mesma Ângela do sonho, a vagabunda:

Ângela sonhava com a fazenda: lá se ouviam gritos, latidos e uivos de noite. ‘Eduardo’, pensou ela para ele, ‘eu estava cansada de tentar ser o que você acha que sou’. Tem um lado mau –nesse lado forte eu sou uma vaca, sou uma cavala livre e que pateia no chão, sou mulher da rua, sou vagabunda- e não uma ‘letrada’ (Lispector 1999: 28).

Em “A língua do ‘P’”, Maria Aparecida, a Cidinha, era uma professora virgem e afetuosa que ante uma situação crítica com dois homens mal-intencionados se finge de prostituta e, no extremo oposto do seu papel na sociedade, se descobre como tal:

Afinal deixaram-na partir. Tomou o próximo trem para o Rio. Tinha lavado a cara, não era mais prostituta. O que a preocupava era o seguinte: quando os dois haviam falado em currá-la, tinha toda vontade de ser currada. Era uma descarada. Epe sopoupu upumapa puputapa. Era o que descobrira. Cabisbaixa (Lispector 1998b: 70).

Outra personagem clariceana fora do padrão estabelecido sarcasticamente para os sexos em “Eu e Jimmy” é Macabéa, a datilógrafa virgem que veio do nordeste, a frágil moça que só comia cachorro quente em *A hora da estrela*. E sua singularidade reside na distância existente entre as aparentes duas Macabéa. Uma, a jovem enferrujada, cariada, apagada, quase morta, a “moça que nunca se viu nua porque tinha vergonha” (Lispector 1998a: 22) e que sentenciava: “Você não olhe enquanto eu estiver me limpando, por favor, porque é proibido levantar a saia” (Lispector 1998a: 53) e “Ouvi dizer que no médico se tira a roupa mas eu não tiro coisa nenhuma” (Lispector 1998a: 68). A outra, essa mulher que “sabia o que era o desejo -embora não soubesse que sabia” porque “ficava faminta mas não de comida, era um gosto meio doloroso que subia do baixo-ventre e arrepiava o bico dos seios e os braços vazios sem abraço. Tornava-se toda dramática e viver doía” (Lispector 1998a: 45).

Em *A hora da estrela* encontramos outra personagem muito especial que conjuga, por exemplo, sexualidade e religião de forma a conciliá-las sem as contradições sociais que estes dois âmbitos possuem. Esta mulher, a cartomante Madama Carlota, é um caso chamativo de convivência pacífica do erótico e da fé católica. Neste sentido, se explica a situação mencionada através da fala da particular personagem clariceana:

Eu sou fã de Jesus. Sou doidinha por Ele. Ele sempre me ajudou. Olha, quando eu era mais moça tinha bastante categoria para levar vida fácil de mulher. E era fácil mesmo, graças a Deus. Depois, quando eu já não valia muito no mercado, Jesus sem mais nem menos arranhou um jeito de eu fazer sociedade com uma colega e abrimos uma casa de mulheres. Aí eu ganhei dinheiro e pude comprar este apartamentozinho térreo (Lispector 1998a: 73).

Também nestes comentários da cartomante, encontram-se exemplos dessa sociedade conformada pela religiosidade e o erotismo: “No meu tempo a gente punha incenso queimando para dar um ar limpo na casa. Até tinha cheiro de igreja. E tudo era muito respeitoso e com muita religião. Quando eu era mulher-dama já ia juntando meu dinheirinho, dando porcentagem à chefe, é claro” (Lispector 1998a; 75).

A partir dos traços femininos das personagens clariceanas, Barbosa (2001, p.12) aponta que a literatura da escritora apresenta, concomitantemente, a resistência das mulheres à norma patriarcal e aos parâmetros sociais que as levam a incorporar os mecanismos opressores a que tentam resistir. Para Barbosa (2001: 39-40), através da ironia e da paródia os textos de Lispector criam um estranhamento, um sentido de deslocamento e percepções do que significa ser mulher num mundo dirigido por homens, descrevendo e discutindo situações que são tão emancipadoras quanto aquelas analisadas pelos discursos feministas atuais.

E não faltam nos textos da Clarice os personagens que cumprindo seus papéis esperados pela comunidade, recebem seu castigo pela negativa a essa “hybris” que os sufoca. Assim, em “Onde estivestes de noite”, entre os mais diversos adoradores do deus andrógino encontra-se Psiu, a mulher ruiva e daltônica que não se entrega aos próprios desejos, que não se inicia na profetização da noite, ritual onde todos os seguidores de Ele-ela peregrinam. Devido à sua resistência aos frenéticos desejos, Psiu sofre diversas fobias e um profundo estado de pânico:

Com medo do espelho que a refletia. Defronte tinha um armário e a impressão era que as roupas se mexiam dentro dele. Aos poucos ia restringindo o apartamento. Tinha medo até de sair da cama. A impressão de que iam agarrar o seu pé embaixo da cama. [...] Procurava avidamente no jornal as páginas policiais, notícias do que estava acontecendo. Sempre aconteciam coisas apavorantes para pessoas, como ela, que moravam só e eram assaltadas de noite. (Lispector 1999: 50)

Psiu, a moça que cada vez está mais isolada em seu apartamento, presa de suas fobias e medos: “Tinha na parede um quadro que era o de um homem que a fixava bem nos olhos, vigiando-a. Essa figura ela imaginava que a seguia por todos os cantos da casa” (Lispector 1999: 50); Psiu, a mulher que não se decide a algo apesar dos chamados: “Sua vida era uma constante subtração de si mesma. Tudo isso porque não atendeu o chamado da sirene” (Lispector 1999: 50). *Psiu*, nome próprio que também é interjeição usada para chamar alguém ou para pedir silêncio: “Psiu, venha aqui/ Psiu, faça silêncio”. Chamar ou silenciar, as possibilidades coabitam no nome da personagem, como também convivem seus desejos e suas repressões.

A personagem Psiu é mais um indicador da influência da psicanálise sobre a escrita de Lispector, já que vem de Freud a noção de que a repressão do erotismo resultava em sintomas físicos. Em *Cinco Lições de Psicanálise*² Freud discorre acerca da histeria, doença nervosa que acometia os pacientes por ele acompanhados na clínica e cuja etiologia guardava estreitas relações com a expressão da sexualidade naquele contexto histórico.

A histeria estava, assim, relacionada com o subjugado de uma poderosa emoção, o que impedia sua descarga através de palavras ou de ações. No entanto, tais emoções não desapareciam, mas eram utilizadas de forma anormal, convertidas, e embora os doentes não

² Conferência pronunciada por ocasião das comemorações do vigésimo aniversário da Fundação da Clark University, Worcester, Massachussets, em setembro de 1909 (em Volume XI, 1910).

tivessem consciência de sua natureza, eram arrebatados pelo mal-estar de sua expressão somática. Os postulados freudianos ensinam que as pessoas adoecem quando por obstáculos exteriores ou por ausência de adaptação interna lhes falta na realidade a satisfação das necessidades sexuais, ocasião em que se refugiam na moléstia para encontrar uma satisfação substitutiva. No mesmo sentido agem as fantasias humanas, buscando compensar as deficiências da realidade e engendrando realizações de desejos. Também em “Onde estivestes de noite” o Ele-ela anuncia aos homens o que acontece a uma pessoa quando esta não atende ao chamado da noite: na cegueira da luz do dia vive na carne aberta e nos olhos ofuscados pelo pecado da luz o terror de se estar vivo, sem anestesia: “O Ele-ela contou-lhes o que acontecia quando não se iniciava na profetização da noite. Estado de choque” (Lispector 1999: 50).

É o erotismo ilimitado e carente de classificação alguma o fato que aproxima os sonhadores de “Onde estivestes de noite”, ao de Ele-ela. Nem universo feminino nem mundo masculino existem nessa massa desejante. Não existe categoria que distinga puritanos e libertinos quando se entra no transe da peregrinação até Ele-ela, assim como não existe catalogação possível para este-esta personagem:

O Ele-ela só deixava mostrar o rosto de andrógina. E dele se irradiava tal cego esplendor de doido que os outros fruíam a própria loucura. Ela era o vaticínio e a dissolução e já nascera tatuada. O ar todo cheirava agora a fatal jasmim e era tão forte que alguns vomitavam as próprias entranhas. A Lua estava plena no céu. Quinze mil adolescentes esperavam que espécie de homem e mulher eles iriam ser. (Lispector 1999: 51)

Na montanha dos “malditos”, a viagem parece ser o meio de superação do próprio limite das personagens, a forma de corromper a suposta humanidade limitante entendida como cerco social e como barreira individual. A viagem parece ser utilizada para profanar aquilo que só resta quando as convenções e normas já não importam, quando as forças repressoras se esfumam, quando o consciente se torna matéria volátil e quando se dilui o ser homem e o ser mulher.

O homem condicionado pela visão dos outros é retratado como o homem do fracasso na ficção clariceana. Por isso, o caminhante da montanha se deixa levar por seu próprio desejo para atingir o inatingível outro, que em Clarice é uma divindade do prazer. O dia, a normatividade social, o dever ser, como espaços que permitem que o ser humano esteja condenado a sofrer o próprio desejo, são os principais obstáculos com os quais lidam os peregrinos que buscam diversas formas de sentir. Os outros, os entregados ao limite, os não iniciados, estão desamparados, desprotegidos, desvinculados da vida plena.

A divindade do desejo composta por Clarice evidencia, assim, a impossibilidade de racionalização e normatização da sexualidade, já que no mundo do sonho os homens são governados pelas forças do Ele-ela. E se esse mundo de sonhos é o inconsciente humano, é também o lugar habitado pela criança que fomos um dia, o lugar que perpetua nossos desejos e aspirações infantis, o lugar onde a sexualidade é vivenciada de forma mais plena.

Na montanha dos peregrinos, Ele-ela não é esse deus protetor que ampara a quem o necessita. Ele-ela é o deus do prazer extremo que fulmina com seu manto, que faz cair seus seguidores no “enorme buraco da morte” (Lispector 1999:47), morte do padrão, do exemplo instituído, do modelo imposto, da parte acessória que segue à essencial.

“Tudo o que escrevi é verdade e existe. [...] Onde estivestes de noite? Ninguém sabe. Não tentes responder” (Lispector 1999: 56).

BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA, Maria José (2001). *Clarice Lispector: desafiando as teias da paixão*, Porto Alegre, Edipucrs.
- FREUD, Sigmund (1978). *Cinco lições de psicanálise. A história do movimento psicanalítico. O futuro de uma ilusão. O mal-estar na civilização. Esboço de psicanálise*, São Paulo, Abril S/A Cultural e Industrial.
- GOTLIB, Nadia (1995). *Clarice: Uma vida que se conta*, São Paulo, Ática.
- LAPLANCHE, Jean, Pontalis, Jean-Bertrand (2001). *Diccionario de Psicoanálisis*, Buenos Aires, Paidós.
- LISPECTOR, Clarice (1998a). *A hora da estrela*, Rio de Janeiro, Rocco.
- LISPECTOR, Clarice (1998b). *A via crucis do corpo*, Rio de Janeiro, Rocco.
- LISPECTOR, Clarice (1999). *Onde estivestes de noite*, Rio de Janeiro, Rocco.
- MORAES, Eliane Robert (1994). *Sade. A felicidade libertina*, Rio de Janeiro, Imago.
- NUNES, Benedito (1995). *O drama da linguagem. Uma leitura de Clarice Lispector*, São Paulo, Ática.